

Dossiê SIMPORI 2025 – Volume 14, 2025.

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ “HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: NOVOS TÓPICOS, ABORDAGENS E METODOLOGIAS”

Com este Dossiê, buscamos estimular o debate sobre novas tendências, abordagens e perspectivas na historiografia das Relações Internacionais. Os eventos internacionais dramáticos das últimas décadas, desde a crise financeira internacional de 2008 e a ascensão econômica da China até o conflito russo-ucraniano e Hamas-Israel, levaram os internacionalistas a avaliar o cenário internacional como um de instabilidade e incerteza. Considerações sobre possíveis conflitos maiores tornaram-se mais comuns. A História das Relações Internacionais é atualmente apresentada como uma das áreas mais capazes de analisar essa (des)ordem internacional de forma mais consistente e indicar as principais variáveis em jogo. No entanto, é necessário considerar os loci da produção de conhecimento e sua dimensão axiológica, o que implica questionar o que os historiadores têm a dizer a partir de uma perspectiva argentina, brasileira e latino-americana sobre os processos socioeconômicos, políticos e culturais recentes.

O dossiê é organizado por Carlos Eduardo Vidigal (Universidade de Brasília) e Alejandro Simonoff (Universidade Nacional da Prata).

Organizamos os trabalhos em dois grupos: um que reúne aqueles com maior escopo epistemológico-metodológico e outro que enfatiza interpretações atualizadas da análise de casos sem negligenciar aspectos conceituais.

Em primeiro lugar, temos o artigo de Alejandro Simonoff intitulado "A Era dos Extremos de Hobsbawm como contribuição epistemológica e metodológica para a História do presente" (Artigo 1). Analisa o impacto do surgimento desta obra para os estudos do passado recente, enfatizando "seus aspectos epistemológicos que legitimam a construção desse conhecimento" e aspectos metodológicos que se referem à "disposição e tratamento das fontes, para concluir com três observações feitas pelo historiador inglês sobre a tarefa: a vantagem da idade, como a passagem do tempo afeta nossa perspectiva e o padrão geral de nossas ideias."

O segundo caso refere-se a um problema polemológico, intitulado "Mudança sistêmica e transformações no teatro de guerra" do Abril Bidondo (Artigo 2) e que problematiza a situação do confronto armado no cenário pós-Guerra Fria. Começando pelo conceito de Mary Kaldor sobre a Nova Guerra "e depois mergulhando nas mudanças e continuidades que persistem no novo século." Sob essa perspectiva, vários

conflitos são analisados (Síria, Ucrânia e Mar do Sul da China como exemplos do século XXI). Para então responder às seguintes perguntas: "O que caracteriza o cenário da guerra atual? Quais tendências se mantêm do período pós-Guerra Fria?"

Em terceiro lugar, temos "Reflexiones sobre las dimensiones espacio temporales de la historia de las relaciones internacionales como campo de estudio." de María Virginia Ibarra González, Mónica Fernanda Nieves Aguirre e Leandro Enrique Sanchez (Artigo 4), onde "uma revisão crítica do conhecimento histórico é proposta: o que é História; qual é seu propósito; quais perspectivas de compreensão são atribuídas a ela; que são seus protagonistas; como as causas dos eventos históricos são estabelecidas; qual vocabulário é trabalhado; quais conceitos e categorias contribuem para a construção do conhecimento histórico; etc." Este texto também lê o campo a partir de uma distinção espacial (espaço e território) e temporal ("como os tempos e ritmos dos eventos são concebidos; como eventos históricos podem ser periodizados").

Quarto, você encontrará "Comparação, História e Relações Internacionais: A Metodologia Comparativa para a Análise Internacional" (Artigo 5), do Filipe Philipps de Castilho, que visa "mostrar que as Relações Internacionais podem se beneficiar de uma gama mais diversificada de metodologias, focando aqui naquelas que abordam a análise comparativa." E dado seu diagnóstico em que "pesquisadores têm sido menos propensos a formular diretrizes metodológicas explícitas, especialmente na forma de orientações práticas para projetos de pesquisa comparativa", este trabalho "visa mostrar possibilidades metodológicas inovadoras para as RI, delineando sua análise em um campo que enquadra a história, a comparação e o estudo no cenário internacional." Por fim, o artigo destaca a importância da inovação metodológica nas Relações Internacionais.

O último artigo desse primeiro grupo é o de Carlos Eduardo Vidigal intitulado "Flávio Saraiva e Relações Internacionais: história, regiões e conceitos" (Artigo 8). Dedicado ao estudo de um dos principais internacionalistas latino-americanos, recentemente falecido e uma grande perda para a disciplina. O artigo revisa as principais preocupações desse grande intelectual, como a possibilidade de produzir conhecimento de bom nível em relações internacionais em países periféricos e semi-periféricos. Na primeira parte, apresenta sua leitura das principais escolas europeias, norte-americanas e sul-americanas de História das Relações Internacionais, depois os principais debates sobre as estratégias do Brasil em relação ao continente africano (seu tema de estudo) e o discurso culturalista em relação a elas, para finalizar com uma análise de sua Política Externa e Regime Policial, uma compilação que abrange suas principais obras teóricas.

Dentro do segundo grupo temos "O Mercado Internacional e a Violência: As Relações entre a Guerra Civil e a Indústria Têxtil Britânica entre os Séculos XXIII e XIX" de Luiz Felipe Brandão Osório (Artigo 3). É uma

pesquisa que possui fontes qualitativas e quantitativas com análise de fontes primárias e secundárias. Sua principal atração é a análise dos vínculos entre os industriais britânicos e as plantações de algodão dos Estados Unidos, bem como sua influência direta e indireta com o início da Guerra Civil.

Em segundo lugar, temos "A Grande Imprensa e a Política Externa: Notas para uma Abordagem Teórica e Metodológica à Imprensa Periódica Convencional" de Jônatan Coutinho da Silva de Oliveira (Artigo 7). Em uma obra histórica situada, analisam-se as relações entre a imprensa e a política externa entre o final do século XIX e a primeira parte do século XX. O jornal considera a imprensa "como um ator importante na criação e disseminação de certos mapas políticos para determinados contextos específicos, com base em uma abordagem que leva em conta a historicidade de cada jornal, além de percebê-lo tanto como fonte quanto como objeto de pesquisa histórica que busca revelar o papel do jornal como produtor e disseminador desses ambientes políticos."

Terceiro, desta segunda parte temos "O informante de Getúlio Vargas na Argentina: a performance de José de Paula Rodrigues Alves na Argentina durante a Segunda Guerra Mundial" de Filipe de Campos (Artigo 6). Aqui, o papel desse diplomata é destacado não apenas como tal, mas também como informante de Getulio Vargas, dando um relato da complexa situação política do país do Cone Sul. Além disso, a análise é feita levando em conta como "participantes ativos na formulação da política externa brasileira."

Por fim, eles se reunirão com "Quando uma Parte da América Latina Quis Disputar a Hegemonia dos Estados Unidos: Comissão Especial para a Reestruturação do Sistema Interamericano de 1973 e a Participação Argentina" de Maria Cecilia Miguez (Artigo 9). O artigo analisa os desafios da América Latina à hegemonia dos EUA no âmbito da Comissão Especial para a Reestruturação do Sistema Interamericano, convocada pela OEA em 1973. O trabalho foca na posição argentina expressa pelo delegado Jorge Vázquez e, por meio dela, responde à hipótese sobre o papel importante da Argentina no apoio às demandas históricas do Peru, Panamá e México, que levaram o Departamento de Estado a aceitar algumas mudanças.

Carlos Eduardo Vidigal

Alejandro Simonoff